



CONGRESO INTERNACIONAL DE ARTES,  
EDUCACIÓN Y POSTDIGITALIDAD  
Las imágenes en la enseñanza e  
investigación desde la era (post)COVID-19

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTES,  
EDUCAÇÃO E PÓS-DIGITALIDADE.  
As imagens no ensino e e pesquisa da era  
(pós)COVID-19

1 al 3 de diciembre de 2021 1 a 3 de dezembro de 2021.

Sevilla 2021

### Propuesta de comunicación para ruedas de conversación | Proposta de comunicação para rodas de conversa

NOMBRE / NOME	Auana
APELLIDOS / SOBRENOME	Lameiras Diniz
UNIVERSIDAD O INSTITUCIÓN / UNIVERSIDADE OU INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual Paulista
LÍNEA TEMÁTICA SELECCIONADA / LINHA TEMÁTICA SELECCIONADA	4): O anticolonial e suas implicações para o ensino e a pesquisa nas / com as artes.
PREGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXIONAR / PERGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXÃO	Teremos radicalismo crítico para empreender a luta educacional anti-colonial expondo a colonialidade construída em nós?
BREVE TÍTULO DE LA PROPUESTA / BREVE TÍTULO DA PROPOSTA /	Imagens e feridas: aprender e ensinar o que não sentimos na pele
PROPUESTA DE TEXTO (ENTRE 300 Y 400 PALABRAS) / TEXTO PROPOSTO (ENTRE 300 E 400 PALAVRAS)	Ao assumir a luta anticolonial nas práticas educativas e pesquisas com museus e exposições de arte, não deixamos de ser quem somos. Ou, especificamente, não deixo de ser quem sou a partir dos meus próprios marcadores sociais de classe, raça e ato performativo de gênero. Como uma mulher, cisgênero, branca, brasileira e de classe média. Pertencço a lugares de privilégio social, que são recorrentes entre profissionais atuantes em museus e exposições de arte no Brasil. Junto a isso, nos processos de mediação cultural desenvolvidos nestes espaços com frequência estamos enredada/os a lugares de poder, hierarquias forjadas para aquela/es que, supostamente, “sabem mais”.

Assim, as proposições e práticas educativas, construídas e/ou pesquisadas, nesses contextos caminham entre as intenções de descolonização e negociações/disputas políticas presentes nas instituições, e também em nós. Com elas trabalhamos nas perigosas fronteiras das generalizações, apagamentos e apropriações culturais, mas é um perigo que pode se desdobrar em perguntas metodológicas:

Como aprender e ensinar com as imagens que expõem ou ocultam feridas que não sentimos na pele?

Como compartilhar histórias da arte e da cultura sobre as quais somos educada/os a desconhecer ou esquecer?

Como expor as violências da arte sem operar com o *voyerismo* das opressões coloniais? E como desconstruir coletivamente as imagens/decalques da colonialidade, em processos educativos, sem criar novas formas de colonizar?